

## Jesus «perseguido» pelos discípulos e «procurado» por «todos»

Uma leitura narrativa de Mc 1,35-39  
à luz de 1 Sam 23,15-28

No final do primeiro capítulo do segundo evangelho, o leitor depara-se com um incidente intrigante que envolve a pessoa de Jesus e os seus primeiros seguidores, na madrugada do segundo dia de ministério público. O episódio inclui três momentos na versão de Marcos<sup>1</sup>: (1) desaparecimento de Jesus para o deserto (1,35), (2) reacção alvoroçada de Simão e comitiva (1,36-37), e, no ponto culminante da narrativa, (3) novo *impulso missionário do grupo*, reconstituído pela palavra imperativa de Jesus (1,38-39).

A aparente simplicidade da intriga<sup>2</sup> tem levado os comentadores do segundo evangelho a subestimarem um aspecto da *especificidade* deste passo, designadamente o carácter insólito da reacção de Simão – «*perseguiu* Jesus», é a expressão literal aplicada pelo evangelista. Os tradutores encontram aqui uma verdadeira *crux*

---

<sup>1</sup> Mateus omite o episódio. Lc 4,42-44, embora estruturalmente semelhante à versão de Marcos, apresenta diferenças de conteúdo muito significativas: (1) omissão da referência aos discípulos (em especial a Simão e ao verbo 'perseguir'); (2) clarificação importante pelo narrador (e não pela voz dos discípulos): é a *multidão* que procura Jesus (v. 42), e não 'todos'; a multidão procura 'impedir' que Jesus Se 'afaste' delas (v. 42). (3) Em resposta à multidão, Jesus comunica a 'necessidade' de 'evangelizar', omitindo a referência explícita ao 'anúncio' e à dimensão comunitária do mesmo (veja-se a forma verbal 'vamos' em Mc 1,38). (4) Omissão da referência a 'toda a Galileia' (Mc 1,39).

<sup>2</sup> *Aparência* que é reconhecida por M. D. HOOKER, *A Commentary on the Gospel according to St Mark*, London: A & C Black, 1997, 77, e por B. M. F. VAN IERSEL, *Mark: A Reader-Response Commentary*, JSNTSS 164, Sheffield: Sheffield Academic Press, 1998, 140.

*interpretum*, porquanto se deparam com terminologia normalmente utilizada no âmbito do tema da *perseguição por causa da Boa Nova*<sup>3</sup>, ao qual Marcos recorre para descrever um momento da interacção dos discípulos com Jesus.

A nossa proposta interpretativa<sup>4</sup> salientará a centralidade do contexto bíblico no texto de Marcos, designadamente a função *tipológica* da perseguição movida por Saúl a David. Ao recuperar o célebre episódio narrado em 1 Sam 23, e – como vamos demonstrar – ao incluí-lo como epílogo de uma secção conhecida como «a jornada em Cafarnaúm» (Mc 1,21-34), o evangelista propõe ao seu leitor modelos *narrativos* e critérios *pragmáticos* de *procura de Cristo*<sup>5</sup>.

### Indicações de ambiente dramático, estrutura e forma

A abrir e a encerrar o passo, o leitor encontra referências *topográficas* onde decorre a acção dramática (um local *ermo*, v. 35; as povoações da Galileia, v. 38-39). Como já dissemos, a estrutura narrativa inclui três momentos:

- (1) A coberto da penumbra nocturna, Jesus retira-se da povoação de Cafarnaúm para poder rezar em local ermo (1,35).
- (2) O episódio central envolve Jesus, Simão e – expressão ambígua! – «os que com ele estavam» (vv. 36-37). No centro das atenções está, pois, Jesus, *perseguido* (!) por uma comi-

<sup>3</sup> Embora as indicações de Marcos sobre o tema da *perseguição* sejam mais raras do que nos outros evangelhos (cf. Mc 1,14; 2,1-3,6; 4,17; 10,29-30; 12,1-12; 13,11-13 e toda a narrativa da Paixão), uma reflexão atenta sobre essas ocorrências permite concluir que a narrativa de Marcos está, toda ela, saturada de uma *intriga persecutória*, sobretudo ao nível da concepção *formal* da narrativa. O presente estudo provém de uma ampla investigação bíblico-teológica sobre o tema da *perseguição*.

<sup>4</sup> Cabe aqui uma palavra sumária sobre o *método* adoptado. Situamo-nos na órbita dos métodos sincrónicos, designadamente a promissora modalidade de *análise narrativa*, autodenominada *leitura pragmalinguística*. Numa apropriação pessoal das linhas fundamentais deste método exegético, salientaremos as relações sintácticas e semânticas que, postas ao serviço de coordenadas teológicas, se encontram objectivamente inscritas na narrativa; manifestando desse modo a sua intenção *comunicativa*, o evangelista procura despertar a atenção do *leitor* para estratégias de acção e conversão.

Uma sistematização da leitura *pragmalinguística* da Bíblia, com aplicações ilustrativas a passos evangélicos, encontra-se em C. MORA PAZ - M. GRILLI - R. DILLMANN, *Lectura pragmalinguística de la Biblia: teoría y aplicación*, Estella: Ed. Verbo Divino, 1999.

<sup>5</sup> O termo 'procurar' traduz o verbo ζῆτεῖν, utilizado 10 vezes no segundo evangelho (veja-se o nosso comentário a Mc 1,37, mais adiante).

tiva liderada por Simão. Ao *encontrá-Lo*, comunica a Jesus: «Todos te procuram».

- (3) A culminar o episódio, surge a resposta de Jesus a Simão – uma surpreendente decisão de ir *mais além* no anúncio do Evangelho (v. 38). Em epílogo, o evangelista sublinha o cumprimento superabundante do programa missionário de Jesus, «em toda a Galileia» (v. 39).

A *forma* deste passo está inextricavelmente impressa na sua estrutura. Na medida em que todos os elementos narrativos convergem para as palavras de Jesus a Simão e seus companheiros<sup>6</sup>, determinantes da mudança de rumo *missionário*, bem como da recupeção da proeminência de Jesus sobre os discípulos, entendemos que Mc 1,35-39 configura uma «história com declaração solene»<sup>7</sup>. O carácter *solene* da *declaração* de Jesus é salientado pela ressonância de *revelação* implícita nas últimas palavras da Sua intervenção: «Vamos para outra parte [...], a fim de pregar aí, *pois foi para isso que Eu vim*» (v.38).

## 1. O contexto no texto: propostas bíblico-narrativas para a interpretação de Mc 1,35-39

### *Jesus foge para um «lugar ermo»*

*De madrugada, muito cedo, [Jesus] levantou-Se e saiu; foi para um lugar ermo e ali Se pôs em oração* (Mc 1,35).

No início do passo, o evangelista toma a palavra para conceder ao seu leitor informação privilegiada sobre o paradeiro de Jesus – algo que não é concedido às personagens da história. Por si só, este aspecto já prepara o tema da *busca* de Jesus (Mc 1,36-37) como traço predominante na caracterização das *dramatis personae*.

As duas expressões utilizadas para introduzir o *elemento temporal* – «de madrugada, muito cedo» – realçam a dramática mudança

<sup>6</sup> J. MARCUS, *Mark 1-8: A New Translation with Introduction and Commentary*, AB 27, NY [etc.]: Doubleday, 2000, 203; R. PESCH, *Il vangelo di Marco: parte prima*, Brescia: Paideia, 1980, 233 (original em alemão); E. MANICARDI, *Il cammino di Gesù nel Vangelo di Marco*, Analecta Biblica 96, Roma: PIB, 1981, 55-56.

<sup>7</sup> Procuramos deste modo traduzir da língua inglesa a expressão «pronouncement story», cunhada por V. TAYLOR, *The Formation of the Gospel Tradition*, London: Macmillan, 1933, 29-30 e 63-87, e recuperada por R. C. TANNEHILL em diversos artigos (cf. por exemplo *Semeia* 20 [1981], 1-13.101-119).

de ambiente em que a acção vai decorrer: de noite, fora da povoação. O leitor conhece as coordenadas espaço-temporais envolventes: o primeiro dia em Cafarnaúm (1,21-34), e a campanha missionária em outras povoações da Galileia (1,39.40-45). O nosso passo, por conseguinte, não poderá deixar de ser visto como um *interregno*, uma pausa no frenesim da primeira jornada de ministério público, em dia de sábado (cf. 1,21-34).

Marcos acrescenta: Jesus «levantou-Se e saiu» para «um lugar ermo» onde «Se pôs em oração»<sup>8</sup>. Sobre a *oração* de Jesus nada mais se nos diz, o que significa que o privilégio do leitor coincide precisamente com o do narrador: ambos são *cúmplices* no conhecimento do paradeiro de Jesus; ambos são *testemunhas* da Sua intenção de Se retirar da povoação a fim de estar a sós com Deus. Leitor e narrador serão também *cúmplices* e *testemunhas* qualificadas do que se vai seguir. Mas os limites de tal privilégio são estabelecidos logo em seguida, quando Marcos não permite ao leitor saber o que se passou entre Jesus e Deus, ou que descubra o significado desta «pressa» em rezar logo no início do Seu ministério. Só *a posteriori*, quando Jesus decide o que vai fazer (cf. vv. 38-39), poderá o leitor entrever o sentido (missionário) desta Sua retirada.

Avaliada no seu contexto narrativo, a informação que Mc 1,35 confia ao leitor é paradoxal. Jesus decide interromper secretamente o Seu ministério em Cafarnaúm, *sem o concluir*. Contrariamente ao que seria de esperar de um judeu piedoso em dia de sábado, os passos anteriores a 1,35-39 mostram Jesus a quebrar o descanso sabático em plena sinagoga (cf. 1,23-26). Em seguida, o ritmo de actividade torna-se frenético. Jesus permite que d'Ele se aproximem «*todos os doentes*» (1,31.34) *muitos* dos quais curou (mas não a *todos*), tendo também expulsado de *vários* (mas não de *todos*) «*muitos demónios*» (1,25.34). Tudo isto fez Jesus *quando* seria de esperar que rezasse e observasse o preceito do repouso sabático (Deut 5,12-15). Em contrapartida – e nisso reside também o paradoxo do Seu procedimento –, mal o primeiro dia da semana desponta, Jesus decide tirar tempo para sair de cena e ir rezar, *longe* da sinagoga. Notemos que, sem pôr em causa a fidelidade à prática da santificação do *šabbat* – factor primordial da identidade judaica<sup>9</sup> –, um único

<sup>8</sup> Cf. Mc 6,46; 14,32-39. Referências à oração matinal em Ps 5,4; 87,14 (LXX).

<sup>9</sup> Para um aprofundamento deste tema no âmbito do Judaísmo normativo do século I, veja-se G. F. HASEL, *Sabbath, Anchor Bible Dictionary* 5, NY: Doubleday, 1992, com bibliografia.

sábado bastou para Jesus conduzir um combate de morte contra Satanás e contra as suas forças desfiguradoras da criatura humana (cf. 1,25.34). Note-se também que o evangelista não está interessado em explorar – por ora (mas veja-se 2,23-3,1-6) – o *conflito* a que o comportamento de Jesus em dia de Sábado dava ensejo com as autoridades religiosas.

Embora se não indiquem os motivos da Sua partida, o contexto narrativo de Mc 1,35-39 permite concluir que, na verdade, Jesus *foge* de Cafarnaúm, dos seus habitantes, da sinagoga, dos necessitados e, inclusivamente, dos Seus próprios discípulos. O leitor presente em Jesus uma *urgência* em *fugir*, mas ignora as causas<sup>10</sup>. Deve voltar a ler a narrativa anterior.

Efectivamente, a jornada em Cafarnaúm (1,21-34), apesar de aparentemente pacífica e auspiciosa, não o foi. Há uma indicação importante de *conflito com Jesus*, expressa por um «espírito maligno», quando exclama «Vieste para nos arruinar?» (1,24); ecos da mesma indicação surgem na interacção dos «demónios» com Jesus (cf. 1,34). O pomo da discórdia coincide com a pretensão demoníaca de *conhecer* quer a identidade de Jesus, quer o sentido da sua missão. Deste modo, o leitor descobre que a origem da pretensão de *conhecer* a identidade de Jesus é *demoníaca*. Doravante, cabe-lhe tomar as devidas distâncias, não só em relação à aspiração de *conhecer Jesus*, mas também em relação aos actores que a personifiquem.

A outra indicação, não tanto de conflito mas de *mal-estar* em relação a Jesus, encontramos-la também no passo inaugural (1,21-28), quando a assembleia sinagoga desata em grande alvoroço, tendo antes reconhecido que Jesus era dono de uma doutrina nova e poderosa (ao contrário da dos escribas). «Perguntavam uns aos outros: 'Que é isto?'» (1,27). Este *mal estar* que acompanha o ministério de Jesus é evocado não só pela referência oblíqua aos escribas, mas também pela menção de uma «fama» que corria «por toda a parte» (1,28) – isto é: fora do controlo de Jesus.

Analisada, pois, à luz do seu contexto narrativo, a iniciativa de Jesus de *fugir* da cidade torna-se mais compreensível. Mas isso não é tudo. A própria alusão a um *local ermo* (ἔρημον τόπον) recorda ao leitor uma *ambiguidade* associada ao tema do *deserto*. No prólogo

---

<sup>10</sup> Na mesma linha, PESCH, *Marco*, 236, quando demonstra que «A retirada de Cafarnaúm é salientada ao nível redaccional» [itálico nosso]; e também IERSEL, *Mark*, 140.

do evangelho (1,1-15), o deserto é, por um lado, lugar de revelação da messianidade de Jesus (1,11), lugar privilegiado de encontro com Deus (1,13c), e, por outro lado, um sítio de crítica solidão que propicia a Satanás o ensejo de testar a messianidade de Jesus (1,13a)<sup>11</sup>. Por conseguinte, o impulso de Se retirar *para o deserto* não provinha apenas de uma vontade de prolongada comunhão com Deus<sup>12</sup>. O evangelista, ao triplicar os verbos de movimento com que descreve acções muito simples («levantou-Se», «saiu», «dirigiu-Se»), salienta uma verdadeira *ânsia* por abandonar a casa e a cidade e por *fugir* da multidão. O que se estava a passar em torno da Sua pessoa impele-O a buscar orientação sobrenatural num espaço que, aos olhos do leitor, evoca principalmente o teste ao Messias pelo Seu arquiadversário – Satanás.

A entrada de Simão em cena à frente de uma comitiva não poderá ser desligada quer do tema da *compreensão* da identidade de Jesus, quer desta *ambivalência* conotada com o motivo literário da *fuga para o deserto*.

### **Jesus é «perseguido» pelos discípulos e «procurado» por «todos»: Mc 1,36-37 à luz de 1 Sam 23,15-28**

*Simão perseguiu-O com a sua comitiva. Quando O encontraram, disseram-Lhe: «Todos te procuram» (vv. 36-37).*

Subitamente, irrompem em cena os discípulos. É quebrada a atmosfera de profundo recolhimento criada pelo Jesus orante. Adensa-se também o aspecto enigmático da perícopa, quer na descrição dos novos intervenientes, quer nas palavras que o grupo dirige a Jesus. Ao leitor será difícil manter-se à distância.

*Simão e a sua comitiva* (καὶ οἱ μετ' αὐτοῦ) constituem as personagens referidas pelo evangelista. *Simão* é inseparável da referência a uma pequena *comitiva* que o acompanhava. A nossa versão procura manter-se fiel à expressão grega οἱ μετ' αὐτοῦ, cujo referente não é determinável com absoluta certeza. Há razões fortes para

<sup>11</sup> Não causará surpresa verificar que M. HENGEL (*The Zealots*, T & T Clark, 1997, 251 [orig. alemão, ed. de 1976]), cite Mc 1,35 no seu capítulo «A retirada para o deserto no Judaísmo Tardio: um fenómeno comum», ou que interprete como *anachoresis* a saída de Jesus de Cafarnaúm.

<sup>12</sup> Cf. R. A. GUELICH, *Mark*, WBC 34A, Dallas: Word Books, 1989, 69; HOOKER, *Mark*, 76. Adiante (vv. 38-38) veremos que a repetição do advérbio de lugar (καὶ) ἐκεῖ (vv. 35.38) é englobada pelo tema do *caminho de Jesus*.

supor que a expressão designe os primeiros quatro homens a quem Jesus chamara ao discipulado (1,16-20). A confirmá-lo está o facto de, em Mc 1,36 e 1,29, a referência a *Simão* e aos outros três homens aparecer sintacticamente ligada através da conjunção *καὶ*, seguida da preposição *μετὰ*. A mesma expressão será aplicada, para referir David e a sua *comitiva*, em Mc 2,25, onde uma vez mais exprime a ideia de *grupo assinalado por laços de lealdade*.

No dizer do evangelista, *Simão perseguiu* Jesus. *Simão* é a única personagem referida pelo nome. O verbo utilizado, *κατεδίωξεν*, está no singular, o que aponta para o sujeito *Simão*, transmitindo a sensação de *urgência* em «apanhar» Jesus. Uma vez mais (cf. v. 35) o texto não indica uma motivação subjectiva para a iniciativa de *Simão*, embora o seu papel proeminente no seio da *comitiva* se nos afigure indiscutível. Ao salientar a iniciativa de *Simão*, afirma-se implicitamente – e com quanta ironia! – a *subordinação* a *Simão* dos que estavam *com* ele (οἱ μετ' αὐτοῦ). Tal é a função da *comitiva* de *Simão* na narrativa: *seguir* *Simão*, quais subordinados seus, e *ir no encalço* de Jesus. Na óptica do evangelista, portanto, nem *Simão* nem a sua *comitiva* se relacionam com Jesus na qualidade de *seguidores* à qual Jesus os convocara<sup>13</sup>.

Para designar a acção de *Simão*, o evangelista, quando seria de esperar que escolhesse o verbo clássico com que o Novo Testamento designa o *seguimento atrás* de Jesus (*ἀκολουθέω*), escolheu um verbo (*καταδιώκω*) bíblicamente conotado com a *acção hostil* de *perseguição*<sup>14</sup>. Aliás, do ponto de vista retórico, o verbo está colocado em posição privilegiada, o que, já por si, indica uma intenção enfática do narrador.

Verifica-se, entre os tradutores deste passo, um desacordo muito significativo na interpretação da expressão referente à acção de *Simão*. Observemos duas das mais respeitáveis versões portuguesas de Mc 1,36. Na *Bíblia Sagrada* da Difusora Bíblica (edição de 2002), na versão de Mc 1,36 lemos: «*Simão e os que estavam*

<sup>13</sup> Cf. PESCH, *Marco*, 236. Não é inadmissível a sugestão de V. K. ROBBINS (*Jesus the Teacher: a Socio-Rhetorical Interpretation of Mark*, Minneapolis: Fortress, 1992, 108) e de J. R. DONAHUE - D. J. HARRINGTON (*The Gospel of Mark*, Sacra Pagina 2, Collegeville: Michael Glazier, 2002, 87) de que os companheiros de *Simão* poderiam ser mais do que os três discípulos (veja-se οἱ παρ' αὐτοῦ, 3,21).

<sup>14</sup> BAUER-ARNDT-GINGRICH, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, 2.<sup>a</sup> ed. rev. aum., Chicago-London: The University of Chicago Press, 1979, 410: «na LXX, quase sempre significa 'ir no encalço' ['pursue'] em sentido hostil), *procurar freneticamente*, dar caça a [...] alguém Mc 1,36».

com Ele seguiram-no». Além de referir a Jesus (equivocadamente) o pronome pessoal αὐτοῦ, o verbo português utilizado ('seguir') induz o leitor a acreditar ingenuamente que se trata de um *seguimento leal*, próprio de *discípulos*. Na realidade, como veremos, está em causa a noção de «ir no encaço de alguém», no sentido de um *seguimento* persecutório. Já a *TOB*, bem mais fiel ao texto grego, verte assim: «Simão *saiu à busca* dele, bem como seus companheiros»<sup>15</sup>. E, por último, a *Vulgata*: «et *persecutus est* eum Simon et qui cum illo erant». Entre as versões que conhecemos, é esta, claramente, a tradução que mais fielmente verte o texto grego.

O caminho para uma solução desta *crux interpretum* começa no reconhecimento de que καταδιώκω, é um *hapax* neotestamentário. A forma grega κατεδίωξεν – aoristo do indicativo, voz activa, 3.<sup>a</sup> pessoa singular – é um composto do verbo διώκω 'perseguir', e da preposição κατά, com que se indica a *intensidade* da acção levada a cabo por Simão. A *Septuaginta* utiliza amplamente o verbo, associando-o a acções hostis de verdadeira *perseguição* contra um inimigo ou adversário<sup>16</sup>. A *Vulgata* recupera precisamente esse sentido ao verter o grego κατεδίωξεν para 'persecutus est', criando assim uma oposição evidente entre as expressões de *seguimento* utilizadas pelo narrador na narrativa paradigmática do chamamento ('secuti sunt eum', Mc 1,18.20) e o tipo de *seguimento* efectivamente levado a cabo em 1,36 («persecutus est eum Simon et qui cum illo erant»). Para tornar a questão ainda mais complexa, não deixa de ser curioso verificar que o termo 'discípulo' (de Jesus) só venha a ser utilizado vários passos à frente (2,15), com sentido inclusivo que abarca muitos «pecadores».

A qualificação do comportamento de Simão como «perseguição» só pode ser esclarecida à luz das relações intertextuais de Mc 1,35-39 com outros passos bíblicos, designadamente o ciclo

<sup>15</sup> Reflectindo a divisão entre os autores relativamente ao significado exacto do termo grego, M.A. TOLBERT (*Sowing the Gospel: Mark's World in Literary-Historical Perspective*, Philadelphia: Fortress, 1989, 138) traduz «pursued him [...] harassed him or hunted him down». Em língua inglesa, veja-se também a *KJV* («followed after him»), *NIV* («went to look for him»), *NRSV* e *NAS* («hunted for»).

<sup>16</sup> O verbo é utilizado para referir a 'perseguição' dos israelitas pelas tropas do Faraó (Ex 14,4.8.9.23; Dt 11,4; Ne 9,11), e a 'perseguição' do sofredor inocente pelos seus inimigos (Pss 7,6; 18,37; 31,15; 35,3.6; 38,20; 69,26; 71,11; 82,16; 109,16.31; 119,84.86.150.161; 142,3.6; Jer 15,15; Lam 1,3; 3,66). A componente de 'hostilidade' surge mais diluída em textos como Gen 31,36; 35,5; Ps. 18,37. Cf. MARCUS, *Mark 1-8*, 202; DONAHUE - D. J. HARRINGTON, *Mark*, 87.

narrativo da ascensão de David ao trono de Israel (1 Sam 13,1 - 2 Sam 5,10). Efectivamente, além dos passos em que a figura e o papel de David surgem explicitamente salientados por Marcos, existem também conexões literárias implícitas entre Mc 1,35-39 e 1 Sam 23,15-29<sup>17</sup>. Para os nossos propósitos, 1 Sam 23,25 constitui o versículo-chave, porquanto nele encontramos as formas verbais *κατεδίωξεν* e *ζητεῖν*, além de outros contactos literários com Mc 1,36-37. Mas o que é significativo para os nossos propósitos é a verificação inequívoca de que, na versão grega dos LXX, *κατεδίωξεν* traduz a forma *קָלָל* (imperfeito *qal*, 3.<sup>a</sup> pessoa do masculino singular) do verbo hebraico *קָלַל* ‘perseguir’. 1 Sam 23,25 enquadra-se numa moldura narrativa que retrata a perseguição obstinada de Saúl contra David<sup>18</sup>. Na disputa entre os dois contendores está em causa a *legitimidade* do futuro rei de Israel. Em 1 Sam 23,15 regista-se um diálogo entre Jónatas e David, no qual o filho de Saúl promete lealdade ao seu amigo íntimo, rival de Saúl (23,17; cf. 16,1.12-13)<sup>19</sup>. O deuteronomista realça a componente *militar* desta «perseguição» da comitiva de Saúl contra David (1 Sam 23,23-26; cf. vv. 19-23). Saúl é caracterizado como o guerreiro que, no seu duelo com o eleito de Javé, vai buscar às armas a sua força para *combater* o rival. A contenda acaba por se resolver em favor de David. O jovem e esbelto filho de Jessé será, definitivamente, o verdadeiro *Ungido*

<sup>17</sup> A conotação negativa de *κατεδίωξεν* tem sido notada por autores como W. KELBER (*Mark's Story of Jesus*, Philadelphia: Fortress, 1979, 22) e MARCUS (*Mark 1-8*, 203). No âmbito dos estudos marcanos, as principais obras sobre a figura de David no segundo evangelho a que tivemos acesso nunca estabelecem qualquer conexão entre Mc 1,35-36 e 1 Sam 23. Vejam-se, por todas, as publicações de Damià Roure: *Jesus y la figura de David en Mc 2,23-26. Trasfondo bíblico, intertestamentario y rabinico*, Analecta Biblica 124, Roma: PIB, 1990; *La figure de David dans l'évangile de Marc: des traditions juives aux interprétations évangéliques*, in L. DEROUSSEUX - J. VERMEYLEN (ed.), *Figures de David à travers la Bible*, LD 177, Paris, Cerf, 1998, 397-412.

<sup>18</sup> Perseguição essa em que «o protagonista é duplo, pois se trata de um autêntico duelo», G. RAVASI, Samuele, *Nuovo Dizionario di Teologia Biblica*, ed. P. Rossano (et al.), Milano: San Paolo, 1996, 1413. [NDBT]

<sup>19</sup> Cf. A. F. CAMPBELL - J. W. FLANAGAN, 1-2 Samuel, *The New Jerome Biblical Commentary*, ed. R. BROWN (et al.), Englewood Cliffs: Prentice Hall, 1990, 152. Ironicamente, Saúl, de quem se esperaria que terçasse armas contra os Filisteus, decide reunir as suas tropas a fim de combater David, decisão que é tomada depois de Jónatas, o filho de Saúl, ter asseverado a David: «Tu reinarás sobre Israel [...]; meu pai, Saul, bem o sabe» (23,15-18). Avisado por Deus, David acaba por escapar ao ataque de Saul (cf. 23,27). É possível que, em Mc 1,35, o tema da oração ecoe o tema da protecção salvífica de Javé sobre o fugitivo David, enquanto durou o seu refúgio no deserto.

(‘Messias’) do Senhor Deus. Embora Saúl tenha sido, efectivamente, a primeira escolha para ocupar o trono (1 Sam 9,17), a narrativa apresenta-nos dele um retrato desfavorável: Saúl comprometeu irremediavelmente a sua eleição como chefe de Israel ao apoderar-se da condição *messiânica* em seu próprio proveito<sup>20</sup>.

Para os nossos objectivos, importa reter que o passo veterotestamentário apresenta Saúl e David como dois *chefes que disputam o poder* nas vésperas da consolidação de Israel como Estado<sup>21</sup>. Nesse contexto, a reputação de David era a de «guerreiro ideal» em quem Israel podia depositar as esperanças messiânicas<sup>22</sup>. Como chefe militar, David, além de combater o inimigo externo (tal como Saúl), tinha o mérito de, no decurso das suas campanhas, congregar Israel como povo *uno*. O que é essencial no contraste entre David e Saúl, enquanto figuras políticas, não é tanto de natureza patética ou épica; para o narrador deuteronomista o que conta são os elementos *teológico-narrativos*, através dos quais desfere a sua crítica à monarquia, ao mesmo tempo que justifica a sua preferência por David, o verdadeiro *Ungido* de Deus, o *único* pastor capaz de assegurar não só a unidade do povo em seus combates contra os inimigos de Israel, mas também a adesão de Israel a Javé, seu único e verdadeiro Rei<sup>23</sup>.

Está assim encontrado um enquadramento narrativo plausível para a interpretação da linguagem utilizada pelo segundo evangelista em 1,35-39. A nossa proposta interpretativa apoia-se quer nos paralelismos lexicais, que o quadro seguinte exhibe, quer em importantes paralelismos estruturais.

<sup>20</sup> Cf. D. V. EDELMAN, Saul, *ABD* 5, 991.

<sup>21</sup> J. W. FLANAGAN, Chiefs in Israel, *The Journal for de Study of the Old Testament* 20 (1981) 47-73.

<sup>22</sup> R. J. COGGINS - J. L. HOULDEN, David, *Dictionary of Biblical Interpretation*, London: SCM Press, 1990, 164. O uso explícito do tema davídico em relação com Jesus encontra-se em Mc 2,23-28; 10,46-52; 11,1-10; 12,35-37. Para uma interpretação teológica de David enquanto figura messiânica, veja-se G. RAVASI, Samuele, *NTDB*, 1416-1419.

<sup>23</sup> Cf. RAVASI, Samuele, *NTDB*, 1414.

	Contexto	Personagens	Vocabulário de perseguição	Outros paralelismos
1 Sam 23,15-28	- Εἰς τὴν ἔρημον Μάαν v. 24.25	- Δαυὶδ καὶ οἱ ἄνδρες αὐτοῦ v. 24 - Σαούλ καὶ οἱ ἄνδρες αὐτοῦ v. 25	- κατεδίωξεν v. 25; cf. v. 28 - ζητεῖν v. 25; cf. v. 15	- ἐξέρχεται v. 15 (ἦλθον v. 27) - ἀπῆλθεν v. 18 - εὕρη v. 17 - ἀνέστησαν v. 24 - πάσαις v. 23 - καὶ paratáctico - mensageiros (v. 25: καὶ ἀπήγγειλαν τῷ Δαυιδ)
Mc 1,35-39	εἰς ἔρημον τόπον v. 1,35	-(Jesus e os seus discípulos) - Σίμων καὶ οἱ μετ' αὐτοῦ v. 36	- κατεδίωξεν v. 36 - ζητεῖν v. 37	- ἐξῆλθεν v. 35.39 - ἀπῆλθεν v. 35 - εὕρον v. 37 - ἀναστάς v. 35 - Ἰάματα v. 37 - καὶ paratáctico - mensageiros (v. 37: καὶ λέγουσιν αὐτῷ [i.e. Jesus])

Além de todas as coincidências de vocabulário, ambos os textos exibem uma intriga semelhante:

1. *Retirada* das áreas habitadas para o deserto (1 Sam 23,15. 24b.25) no decurso de uma campanha de combate contra o inimigo de Israel – os Filisteus, em 1 Samuel; os demónios e a enfermidade, no segundo evangelho.

2. O *Ungido de Deus é perseguido*, não pelo inimigo de Israel, mas por um israelita proeminente. Saúl, o primeiro chefe da nação de Israel, vai *no encalço* de David; Simão, o primeiro discípulo a ser designado para a missão salvífica (1,17), *vai no encalço* de Jesus;

3. *Decisão final de mudança de lugar*, seguida de um renovado empenho na campanha contra o inimigo (1 Sam 23,28/Mc 1,38-39).

A partir de todas estas indicações podemos concluir que a surpreendente utilização pelo evangelista de um verbo com a carga negativa de καταδιώκω decorre de uma exegese *tipológica*. Naquela inquieta *procura* de Jesus, conduzida por Simão, vê o evangelista um *movimento persecutório* semelhante ao episódio da *perseguição* movida por Saúl e suas hostes contra David. O leitor é confrontado com um episódio que, à luz do seu antecedente tipológico, punha em causa quer os fundamentos da *missão* de Jesus, quer a sua *relação* com os seus seguidores. A condição de testemunhas do ministério de Jesus a que haviam sido chamados os primeiros discípulos sofre

um revés dramático. Do dia para a noite, essas mesmas testemunhas organizam-se em grupo, encontram um chefe e decidem impor um desígnio particular Àquele que os escolhera. Na óptica do evangelista, a acção deles atenta contra a autoridade de Jesus, o Ungido de Deus (cf. 1,10-11), não tanto em virtude de uma intencionalidade objectivamente violenta, mas em virtude de, tal iniciativa, subverter o desígnio original de Jesus: seguirem-n'Os na condição de *discípulos*; ser Ele, o Mestre, a fazer deles «pescadores de homens» (1,16-20).

O texto subsequente (Mc 1,37) reforça a nossa convicção de que a iniciativa furtiva de Simão constituiu, na feliz expressão de Roberto Vignolo, uma espécie de «caça infrutífera a Jesus»<sup>24</sup>.

A acção, iniciada por Simão e partilhada pela sua comitiva, culmina na palavra que o grupo dirige a Jesus (1,37). Marcos começa por observar que o grupo de seguidores O *encontra*, indicando assim que terminara a acção anterior referente ao insólito termo κατεδίωξεν. Se, no início, o evangelista salientara a iniciativa de Simão, agora vai mostrar o grupo a comunicar em coro uma expectativa colectiva intensamente comungada. «Todos te procuram», *disseram*-Lhe, *em coro* (λέγουσιν)<sup>25</sup>.

Quem é o referente de πάντες 'todos'? A proximidade entre Mc 1,37 e 1,32-34 convida o leitor a supor que se trata de mais uma expressão hiperbólica, tipicamente semítica, e a recordar que, tal como em 1,32-34, também agora «todos» se limita a referir os habitantes de Cafarnaúm que vieram ao encontro de Jesus, atraídos pelo seu poder taumatúrgico. No entanto, ao contrário de outras ocorrências (1,32; cf. 1,5)<sup>26</sup>, πάντες desta vez exclui a intenção universalizante, já porque em Mc 1,37 apenas os cafarnaítas estão na mira da frase, já porque o adjectivo é proferido pela comitiva chefiada por Simão, cujos horizontes de universalidade contrastam com os de Jesus. Com efeito, a intenção *universalizante* está reservada para indicações topográficas referidas por Jesus nos vv. 38-39 («outra parte», «aldeias vizinhas», «por toda a Galileia»).

<sup>24</sup> R. VIGNOLO, «Cercare Gesù: tema e forma del vangelo di Marco», in L. CILIA, *Marco e il suo vangelo: atti del convegno internazionale di studi «Il vangelo di Marco»*: Venezia, 30-31 maggio 1995, Milano: San Paolo, 1997, 82.

<sup>25</sup> VIGNOLO, *Cercare Gesù*, 109 n. 22 observa que «um apelo em coro denota certamente uma intensa participação».

<sup>26</sup> Cf. J. R. DONAHUE, «Are You the Christ?», SBLDS 10, Missoula: Society of Biblical Literature, 1973, 66; E. SCHWEITZER, «Mark's Theological Achievement», in W. TELFORD (ed.), *The Interpretation of Mark*, London: SPCK, 1985, 66.

O predicado de «todos» é o verbo ζητεῖν ‘procurar, buscar’. Jesus é objecto de *procura generalizada*, em Cafarnaúm. O presente do indicativo do verbo sugere que se trata de uma *busca em curso*. Tal como κατεδίωξεν no v. 36, também ζητοῦσίν tem um sentido forte. Já vimos que, em 1 Sam 23,15.25, ζητεῖν é utilizado em conexão com os planos persecutórios de Saúl contra David. É instrutivo observar agora o modo como o termo é utilizado no segundo evangelho. Desde o início do seu ministério, Jesus tem sido continuamente objecto deste verbo, sendo πάντες o sujeito dessa *busca*<sup>27</sup>. No resto do evangelho, o verbo possui quase sempre um sentido hostil. Diversos tipos de pessoas *buscam* Jesus, mas nunca com intenção irénica<sup>28</sup>. O paralelismo entre Mc 1,36-37 e a narrativa da Paixão é particularmente revelador não só desta semântica de hostilidade associada ao verbo ζητεῖν, como também da estratégia narrativa do evangelista, que não hesita em recorrer sistematicamente a este termo, ao longo de toda a sua obra, para caracterizar Jesus como objecto de uma *busca hostil*<sup>29</sup>. Tornemos ao relato da Paixão. Num ambiente semelhante ao de 1,35 (noite, lugar ermo), Jesus está em oração, enquanto as autoridades e a multidão O *buscam* (note-se ζητεῖν, em 14,1.10.43), conduzidas por um dos seus seguidores – Judas. Este paralelismo com a Paixão, bem como a utilização de vocabulário associado à *perseguição* obtido a partir de um texto de perseguição do AT (1 Sam 23), indicam que Mc 1,36-37 prenuncia a possibilidade de *perigo mortal* para Jesus, perigo a que poderá não ser alheio o seu êxito junto da multidão.

Para melhor percebermos que o tema da *busca cristológica* constitui um dos fios narrativos por meio do qual o tema da *perse-*

<sup>27</sup> Em Mc 1,27, o verbo composto (ἅπαντες...) συ-ζητεῖν é utilizado na discussão *cristológica* da multidão (uma espécie de ‘busca’ intelectual).

<sup>28</sup> Tal é o sentido predominante em Marcos, que utiliza dez vezes este termo – Mc 3,32; 8,11.12; 11,18; 12,12; e especialmente no contexto da Paixão (14,1.11.55). Cf. também 16,6. PESCH (*Marco*, 235) e R. H. GUNDRY (*Mark: A Commentary on His Apology for the Cross*, Grand Rapids: Eerdmans 1993, 94) consideram que, em 1,37, Marcos salienta o grande êxito de Jesus. Causa surpresa que obras de referência como o *Dicionário Teológico do Novo Testamento* (G. KITTEL - G. FRIEDRICH) e o *Greek-English Lexicon* (de BAUER-ARNDT-GINGRICH) não incluam qualquer referência à utilização peculiar deste termo em Marcos.

<sup>29</sup> O referido *paralelismo* conduziu R. VIGNOLO (*Cercare Gesù*, 77) a concluir, com base em argumentos de crítica narrativa, que «a procura de Jesus atravessa toda a narrativa de Iés a Iés [...], qual princípio propulsor que se manifesta em todos os grandes segmentos narrativos da história de Jesus; o mesmo tema tem a capacidade de unificar a intriga e de pôr em relação recíproca as personagens protagonistas».

*guição* vai adquirindo uma espessura indiscutível ao longo do segundo evangelho, devemos, antes, apurar qual o significado específico de ζητεῖν no passo que nos ocupa.

Jesus é procurado por «todos» – diz a comitiva de Simão a Jesus; antes, o evangelista referira que Ele era «perseguido» (v. 36). Como entender melhor esta insistência do evangelista na *busca cristológica*? E como interpretar as suas ambiguidades a tal respeito?

Interpretada em chave narrativa, esta *busca* generalizada significa o culminar de um processo ao longo do qual se foi transformando a atitude dos cafarnaítas para com Jesus. O primeiro sinal dessa atitude emerge em Mc 1,27, quando a assembleia sinagoga inicia um aceso *debate* (συζητεῖν) sobre a *autoridade* de Jesus. Em seguida, Mc 1,32-33 mostra toda a povoação a mobilizar-se em *busca* de Jesus; cercado de todos os lados, Jesus enceta a cura dos doentes. Uma leitura atenta destes versículos revela que, não obstante terem sido trazidos à presença de Jesus «todos» [πάντας] os enfermos, só «alguns» (πολλοὺς/πολλά) foram curados (v. 34). Este comportamento de Jesus, aparentemente *selectivo*, encontra uma explicação em Mc 1,37<sup>30</sup>. Na «manhã seguinte» (1,35), «todos» os cafarnaítas saem em *busca* de Jesus (1,37), na expectativa de que Ele conclua a obra começada (cf. 1,34). *Exige-se* a sua presença em Cafarnaúm a fim de que uma expectativa, entretanto criada entre o povo, seja satisfeita – a cura de «todos» os enfermos. Trata-se, por conseguinte, de uma *busca* determinada por uma expectativa que se tornara *exigência de posse*. O afastamento de Jesus para fora da cidade representa, portanto, uma resistência de Jesus à vontade popular e à sua pulsão de apropriação<sup>31</sup>.

Neste simples enunciado – «todos te procuram» – ressalta, assim, um misto de entusiasmo, desconcerto, embaraço, censura, anelo. Tal é o sentido da declaração do grupo de Simão a Jesus. Em si mesma, a comitiva chefiada por Simão fala, simultaneamente, «a título *representativo e pessoal*»<sup>32</sup>.

Esta imagem de Simão e dos seus companheiros contrasta com aquela que o leitor recorda de Mc 1,16-20. Nem a acção em que agora embarcam (*perseguir*), nem a *procura popular* neles per-

<sup>30</sup> J. GNILKA, *El evangelio según San Marcos: Mc 1,1-8,26*, Salamanca: Ed. Sígueme, 1992, 101, atribui ao evangelista a intenção de «transmitir um quadro credível [... no qual] não basta vir a Jesus para ser por Ele curado».

<sup>31</sup> VIGNOLO, *Cercare Gesù*, 83.

<sup>32</sup> VIGNOLO, *Cercare Gesù*, 84.

sonificada correspondem àquilo que deles seria de esperar – *seguir* Jesus. Em última análise, a pretensão velada destes homens é de natureza *captativa*, como escreve Vignolo<sup>33</sup>; o seu objectivo é compelir Jesus, o Mestre que os convocara, a *seguir-los* num regresso a Cafarnaúm. É neste sentido que o evangelista não hesita em comparar com o malogrado intento *persecutório* de Saúl a decisão de Simão de *ir no encalço* de Jesus. É também nesta mesma linha que Marcos caracteriza o grupo de Simão como *porta voz* da multidão ignara<sup>34</sup>.

Tudo isto constitui para o leitor um desafio a adivinhar a pressão colossal que impende sobre a pessoa de Jesus, nos inícios do seu ministério. Pairam sobre Ele as expectativas da cidade de Cafarnaúm. De que modo irá Jesus fazer-lhes frente? Irá Ele sucumbir a esta *busca* frenética da multidão encabeçada pelos seus discípulos? Em Mc 1,38 encontra o leitor resposta cabal a estas interrogações.

### ***Resposta de Jesus: anúncio do Evangelho em outras povoações***

*Mas Ele respondeu-lhes: «Vamos para outra parte, para as aldeias vizinhas, a fim de pregar aí, pois foi para isso que Eu vim». E foi por toda a Galileia, anunciando nas sinagogas deles e expulsando os demónios (Mc 1,38-39).*

Esta é a terceira vez que Jesus Se dirige aos discípulos, uma vez mais de forma categórica (cf. 1,17.20). «Vamos para outra parte», foi a Sua resposta. À luz da informação veiculada por Mc 1,35, o leitor é desafiado a acreditar que, da oração de Jesus, irá brotar a sua resposta ao grupo que O seguira até ao lugar onde Ele orava.

De notar que a forma verbal ἄγωμεν ‘vamos’ é o plural de um conjuntivo, o que realça o carácter exortativo – talvez mesmo *imperativo* – das palavras de Jesus, dirigidas ao grupo inteiro. O advérbio

---

<sup>33</sup> VIGNOLO, Cercare Gesù, 85. Nas pp. 99-100, este autor compara o primeiro e o último episódio de *busca cristológica* (Mc 1,37 e 16,6). Depois de encontrar paralelos surpreendentes, conclui: «A correspondência entre ambos os episódios imprime a toda a narrativa a lógica de uma grande busca de Jesus. O início prefigura o fim, que, por sua vez, remete para o início. Mc 1,35-39 possui valor prefigurativo em relação a 16,1-8 – que funciona como antitipo anafórico em relação ao início. A busca de Cafarnaúm antecipa a do sepulcro. Na pessoa e na história do Jesus terreno e do Senhor ressuscitado, há uma mesma lógica de misteriosa transcendência em face das expectativas humanas».

<sup>34</sup> Cf. PESCH, *Marco*, 234; F. LENTZEN-DEIS, *Comentario al evangelio de Marcos: modelo de nueva evangelización*, Estella (Navarra): Ed. Verbo Divino, 1998, 65.

ἀλλαχοῦ ‘outra parte’, seguido de uma especificação topográfica indicativa de que Jesus permanece na região da Galileia («para as aldeias vizinhas») <sup>35</sup>, além de indicar uma nova retirada (cf. 1,35) <sup>36</sup>, salienta a recusa de regressar a Cafarnaúm. Com esta decisão de Jesus, a intriga adquire um novo fôlego.

As últimas palavras de Jesus no v. 38 são a afirmação solene em que culmina a Sua resposta à interpelação do grupo que o «perseguiu» – «[...] pois foi para isso que Eu vim». Introduzido sintacticamente por uma oração *final* (ἵνα...) e seguido de uma cláusula *explicativa* <sup>37</sup>, o conteúdo deste membro do versículo é surpreendente. É para este momento revelador que converge a narrativa anterior. Jesus revela as razões da sua *fuga*, da recusa em regressar a Cafarnaúm, da sua partida para «as aldeias vizinhas». Mas, ao fazê-lo, descobre um pouco o véu de mistério que O envolve. Em plena consonância com os objectivos da sua vinda para a Galileia, Jesus decide prosseguir o seu ministério de *proclamação* do «Evangelho de Deus» (1,14). A aplicação conjunta dos advérbios καὶ ἐκεῖ ‘também aí’, regidos pela conjunção subordinante ἵνα ‘para’, indica ênfase. Deste modo, o narrador indica a união entre a actividade de Jesus em Cafarnaúm e a subsequente *proclamação* nas aldeias vizinhas. O ministério de Jesus é, *no seu todo, um só kerygma* <sup>38</sup>. Mais fundamental, contudo, é notar que, tanto a proclamação, como a acção taumatúrgica, decorrem da obediência de Jesus à Sua missão itinerante de *anunciar* o «Evangelho de Deus» num horizonte de *universalidade* <sup>39</sup>.

De notar que o verbo ἐξῆλθον ‘vir’ forma uma *inclusio* retórica com o v. 35, onde também aparece. A interpretação da enigmática afirmação final terá necessariamente em conta o grupo de afirmações similares nas quais Jesus alude à finalidade da sua *vinda* <sup>40</sup>. Em todos esses *logia* está em causa o sentido global do seu ministério,

<sup>35</sup> Encontramos aqui a dualidade característica de Marcos, que, por si mesma, indica uma intervenção redaccional. Cf. F. NEIRYNCK, *Duality in Mark: Contributions to the Study of the Markan Redaction*, BETL 31, Leuven: Leuven University Press, 1972, 50.141; MANICARDI, *Il cammino*, 55, n. 21.

<sup>36</sup> Também em Mc 6,30-32, Jesus *retira-Se*, como reacção à pressão da multidão.

<sup>37</sup> De índole redaccional, com toda a probabilidade, devido à utilização da conjunção γὰρ. Cf. PESCH, *Marco*, 235; GUELICH, *Mark*, 69.

<sup>38</sup> Cf. DONAHUE – HARRINGTON, *Mark*, 88.

<sup>39</sup> VIGNOLO, *Cercare Gesù*, 87.

<sup>40</sup> Veja-se Mc 1,24.38; 2,17; 10,45.

interpretado à luz de um desígnio divino<sup>41</sup>. O *logion* de que nos ocupamos surge no contexto da declaração de Jesus aos seus discípulos, em que os chama a acompanhá-Lo na *proclamação* (κηρύσσειν) em novas localidades. Este nexos entre *vir* e *proclamar* uma boa nova a *todo* Israel é precisamente aquilo que une o ministério de Jesus com o de João Baptista (cf. 1,4-5.14). Na mesma medida em que o precursor de Jesus fora enviado para atrair uma multidão ao «arrepentimento», assim também Jesus *veio* para ir ao encontro *de todo o povo* com a Sua palavra e a Sua acção salvífica<sup>42</sup>.

Por outro lado, como vimos, a forma verbal ἐξῆλθον (Mc 1,35.39) reflecte o episódio em que o evangelista se inspirou (1 Sam 23, 15.27)<sup>43</sup>. O paralelo com o primeiro *Livro de Samuel* poderá mesmo implicar uma reencenação daquela atmosfera *militar*. Em tal caso, a melhor tradução das formas verbais ἐξῆλθον e ἦλθεν será a que, além de transmitir o sentido literal – ‘sair’ –, sugira também que está em causa *sair para um combate*<sup>44</sup>. Aponta no mesmo sentido a relação entre o verbo de movimento [ἐξ]έρχομαι ‘sair, ir’, e um determinado território; ou seja, tanto no passo de *1 Samuel* (cf. 23,17), como em Mc 1,38-39, surge em fundo o problema da *aniquilação dos inimigos de Israel*. Jesus, tal como outrora David, surge caracterizado como *guerreiro* em combate escatológico de defesa de um território disputado pelo seu arqui-inimigo. O território ainda não é, por ora, o país inteiro, mas apenas a «Galileia» [1,14.39] e, mais especificamente, «as sinagogas» [1,39; cf. 1,23]; e o inimigo não é já de origem estrangeira ou humana, mas sobrenatural<sup>45</sup>.

No mesmo sentido, convém notar que a referência solene de Jesus à Sua *vinda* (Mc 1,38) surge num passo inserido no centro de

<sup>41</sup> E. SCHWEIZER, «What Do We Really Mean When We Say ‘God Sent His Son...?’», in J. T. CARROL (et al.) (ed.), *Faith and History; Essays in Honor of Paul W. Meyer*, 303, e E. ARENS, *The HΛΘON-Sayings in the Synoptic Tradition: A Historico-Critical Investigation*, OBO 10, Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1976, 272, observam que Marcos está aqui a aplicar a Jesus o tipo de linguagem que o AT aplicava em relação aos enviados de Deus (veja-se por exemplo Amós 7.14-15; e, para o Arcanjo Gabriel, Dan 9,21-23; 10,14; 11,2).

<sup>42</sup> Ideia salientada por MANICARDI, *Il cammino*, 56, e D. E. NINEHAM, *Saint Mark*, Pelican New Testament Commentaries, Middlesex: Penguin, 1963, 84.

<sup>43</sup> Em 1 Sam 23,27, ἦλθον é posto em relação com a figura de um ἄγγελος, o qual, mercê daquilo que anuncia a Saul, provoca uma alteração completa do curso dos acontecimentos. Em consequência disso, Saul desiste de perseguir David, e regressa ao verdadeiro campo de batalha, que era a Guerra contra os Filisteus (cf. 23,27).

<sup>44</sup> LIDDEL-SCOTT, *A Greek-English Lexicon with a Supplement*, Oxford: Clarendon, 1968, 591 [1c].

<sup>45</sup> Cf. MARCUS, *Mark 1-8*, 204.

um conjunto de curas, nas quais o evangelista realça a noção de *expulsar demónios* (1,27.34.39)<sup>46</sup>. Indispensável se torna, por conseguinte, referir que a primeira utilização do verbo [ἐξ]έρχομαι em conexão com o ministério de Jesus é num passo programático (1,24-26), no qual o próprio espírito impuro revela que o propósito da *vinda* de Jesus é a *aniquilação* dos demónios. Em 1,38-39 esta ideia é reiterada para inculcar no leitor que, na sua missão de proclamação e combate aos agentes de Satanás, Jesus não pode circunscrever o Seu ministério a uma só localidade. O Seu combate deverá prosseguir em toda a região da Galileia, especialmente «nas suas sinagogas», tendo os discípulos (e o leitor) como testemunhas.

No v. 39, o narrador confirma que a solene declaração de Jesus em Mc 1,38 constituiu o clímax do passo que nos ocupa. A indicação de que os propósitos missionários de Jesus se cumpriram «em toda a Galileia» (Mc 1,39) – presumivelmente na companhia dos primeiros discípulos<sup>47</sup> – sublinha não só o êxito desta segunda campanha missionária, mas também a superação de todas as expectativas. Com efeito, o projecto inicial de estender o Evangelho até às «aldeias vizinhas» acabou por abarcar «toda a Galileia».

Afirma-se, assim, diante do leitor, a *independência* de Jesus em face de expectativas populares, geradas – tudo o leva a crer (cf. Mc 1,27-28)<sup>48</sup> – pela incompreensão do sentido universalista da missão de Jesus. Prende-se com este aspecto o tema do distanciamento crítico de Jesus perante as multidões que *O procuram* (Mc 1,35; cf. 1,29.45), um tema tradicionalmente incluído no desenvolvimento do «segredo messiânico» típico do evangelho de Marcos<sup>49</sup>.

<sup>46</sup> O carácter redaccional destes versos é amplamente reconhecido. Veja-se, por exemplo, MARCUS, *Mark 1-8*, 204; GUELICH, *Mark*, 68.69. R. E. WATTS, *Isaiah's New Exodus and Mark*, WUNT 2.88, Tübingen: Mohr Siebeck, 1997, 156.308.372 refere Mc 1,39 para demonstrar que Marcos considera os exorcismos como elemento essencial da mensagem jesuana de um Novo Êxodo.

<sup>47</sup> No seu comentário, PESCH (p. *Marco*, 235) exhibe uma lista com os principais paralelos terminológicos entre a jornada em Cafarnaúm e Mc 1,35-39. Por sua vez, DONAHUE - HARRINGTON, *Mark*, 88, observam que os nomes geográficos realçam a propagação do 'evangelho de Deus' (Mc 1,14)

<sup>48</sup> Eis como NINEHAM, *Saint Mark*, 83, intitula Mc 35-39: «Jesus – entendido incorrectamente – estende o seu ministério a outras localidades». HOOKER, *Mark*, 76, rejeita tal sugestão.

<sup>49</sup> Cf. GUELICH, *Mark*, 69. Na p. 70 lemos: «É possível que este passo contenha o gérmen, anterior a Marcos, de um 'segredo messiânico'».

## 2. O texto no contexto: quando Israel responde a Jesus

O inesperado desaparecimento de Jesus de Cafarnaúm desencadeou, como vimos, uma reacção espontânea de *procura*, quer por parte de Simão e dos seus companheiros, quer por parte de todos os cafarnaítas. Munido da informação proporcionada pela análise do tecido intertextual presente em Mc 1,35-39, o leitor descobre perspectivas estimulantes de compreensão e aplicação do passo. Antes de avançarmos nesse sentido, e depois de termos analisado a função do *contexto* no texto, impõe-se estabelecer a função de Mc 1,35-39 no seu contexto narrativo.

Desde logo, é importante notar que, através deste passo, o evangelista propõe ao seu leitor uma espécie de *pausa* na narrativa, para lhe permitir reorientar a sua reacção à pessoa de Jesus, através de uma avaliação das reacções dos diferentes grupos de personagens da narrativa.

Ao surgir no centro do primeiro ciclo de milagres (1,21-2,12)<sup>50</sup>, o passo assinala a génese do ministério *itinerante* de Jesus. Após a jornada em Cafarnaúm, Jesus passa às «aldeias vizinhas» (v. 38), e culmina na evangelização – ainda que meramente germinal – de «toda a Galileia»<sup>51</sup>. Ora, de acordo com as indicações de passos anteriores, essa nova orientação, tendencialmente *universal*, nasceu como consequência da *fama* que se espalhava incontrolavelmente entre as multidões, não obstante os esforços de Jesus em sentido contrário (Mc 1,25.34). A relação do tema da *fama* com o impulso popular de se pôr a caminho à *procura* de Jesus (cf. 1,28.32-34) acabou por envolver, e como que *ludibriar*, os próprios discípulos de Jesus.

Quando, pois, o leitor retomar o fio narrativo do evangelho, no passo subsequente da cura de um leproso (1,40-45) e no ciclo dos conflitos com as autoridades (2,1-3,6), deverá ter presente que já não é uma cidade mas *todo* o território da Galileia que beneficia da palavra e da acção salvífica de Jesus, não em segunda-mão – através

---

<sup>50</sup> R. E. WATTS, *Isaiah's New Exodus*, 139, defende que esta precoce concentração de milagres confirma a tese de um Novo Êxodo Isaiano, e acrescenta: «do mesmo modo que no Novo Êxodo Isaiano a libertação e a salvação de Israel antecederam o regresso ao novo Sião e à nova Jerusalém, assim também, em Marcos, antes da secção sobre o «Caminho», encontramos Jesus caracterizado como 'guerreiro de Javé' que liberta os cativos dos grilhões demoníacos, qual salvador de um Israel a quem todos os seus pecados são perdoados».

<sup>51</sup> Cf. TOLBERT, *Sowing the Gospel*, 132-133.

da *fama* (cf. 1,28) –, mas pela experiência pessoal do encontro com Jesus Cristo, Filho de Deus (Mc 1,1). Por outro lado, a influência de Jesus – em *toda* a Galileia – começa a alcançar uma extensão geográfica comparável à de João Baptista em *toda* a Judeia (cf. 1,5). Todas estas rápidas mudanças de cena, o *movimento constante* de um Jesus itinerante e *a caminho* (Mc 1,2-3), transmitem ao leitor o carácter *urgente* da mensagem de Jesus (cf. 1,14-15), a exigir do leitor rápida resposta de prontidão para o seguimento<sup>52</sup>.

Em definitivo, o contexto de leitura de Mc 1,35-39 mostra como um episódio em que Jesus é *procurado* pelas multidões ignoras da sua missão salvífica pode constituir um passo no *caminho salvífico* encetado com a *vinda* de Jesus<sup>53</sup>.

### ***A resposta dos discípulos e da multidão***

Para avaliarmos a natureza da reacção dos diferentes grupos, importa notar que, no caso da comitiva encabeçada por Simão, é o próprio evangelista quem se encarrega de fazer essa avaliação, ao utilizar linguagem do campo semântico da 'perseguição'. Por seu lado, a informação sobre a reacção popular coloca-a Marcos nos lábios do grupo de Simão, que utiliza um verbo de movimento aparentemente mais benigno – «procurar». Ambas estas reacções têm algo em comum: a ambos os verbos está associado Jesus como complemento directo. Deste modo, o esforço por encontrar o *caminho* de acesso a Jesus conduz à revelação de que é Ele próprio o *caminho* e a *meta* dessa caminhada *cristo-cêntrica*.

Dito isto, permanece a nota, dissonante, de que *perseguir* e/ou *buscar* Jesus conotam uma reacção de sinal negativo. O evangelista chama a atenção do leitor, de modo particular, para a reacção de Simão, o primeiro discípulo convocado por Jesus. O seu frenético impulso de comandar uma comitiva de homens em *busca* de Jesus roça os contornos da *movimentação militar* e, nesse sentido, *persecutória*.

Qual será, pois, a função *pragmática* desta caracterização tão negativa da reacção de Simão e dos seus companheiros? Porque razão haveria o evangelista de predicar dos primeiros discípulos, e de uma coluna da Igreja como Simão, o vocabulário bíblico-teológico da *perseguição*?

<sup>52</sup> Cf. DONAHUE - HARRINGTON, *Mark*, 91.

<sup>53</sup> Veja-se Mc 1,38; 1,14-15.21 34. Cf. J. P. HEIL, *The Gospel of Mark as a Model for Action*, NY: Paulist, 1992, 53-54.

Tendo em conta que os discípulos ainda se encontram numa fase inicial da sua caminhada com Jesus, a proposta dos comentadores aponta para uma função *proléptica* deste passo relativamente à história dos discípulos em S. Marcos. Nessa medida, acrescentam os estudiosos, o leitor deverá considerar este episódio como *premonição*<sup>54</sup> das fricções futuras entre os discípulos e Jesus no que toca a segui-Lo, após tudo o resto ser posto em segundo plano (a cidade natal de Cafarnaúm, por exemplo; cf. Mc 10,28-30)<sup>55</sup>.

É nossa convicção que, sem negar o carácter *proléptico* do passo<sup>56</sup>, Mc 1,35-39 mantém importantes contactos literários sobretudo a montante, com o Antigo Testamento e com a narrativa da jornada em Cafarnaúm (1,16-34). O chamamento dos primeiros discípulos (1,16-20) constitui o principal eco da narrativa precedente em 1,36-38. Ressoa aqui, claramente, o convite de Jesus ao *seguimento*, bem como a informação de que «eles O seguiram» (1,17-18,20), e ainda a promessa de fazer deles «pescadores de homens» (1,17). Torna-se sensível, finalmente, a intenção do evangelista em recuperar vocabulário veterotestamentário do campo semântico da *perseguição* (κατεδίωξεν - 1,36) para caracterizar o movimento dos discípulos em direcção a Jesus, após o Seu desaparecimento. Há uma relação entre o verbo «perseguir» (1,36) utilizado pelo evangelista, e o chamamento-promessa de Jesus aos discípulos de O *seguirem* para deles fazer «pescadores de homens». Com uma ironia quase mordaz, o evangelista chama a atenção do seu leitor para o *contraste* entre o plano inicial de Jesus e a primeira iniciativa *piscatória* de Simão e dos seus companheiros. Claramente, o plano de Jesus («farei de vós pescadores de homens») é anexado e, simultaneamente, subvertido pelos discípulos. Além de ignorarem a prerrogativa de Jesus (Ele é que fará deles «pescadores de homens»), os discípulos assumem-se, por sua própria iniciativa, como «pescadores de homens», e, nessa nova condição, dirigem-se

---

<sup>54</sup> D. MARGUERAT, La construction du lecteur par le texte (Marc et Matthieu), in C. FOCANT, *The Synoptic Gospels*, BETL 110; Leuven 1993, 247, também descobre «valor programático» nesta cena.

<sup>55</sup> Cf. MARCUS, *Mark 1-8*, 203; W. H. KELBER, *Mark's Story*, 22. J. ERNST, *Il vangelo secondo Marco. Volume primo: Marco 1,18,26*, Brescia: Morcelliana, 1991, 114, vê aqui introduzido, pela primeira vez, o tema da cegueira de Pedro. Na mesma linha, Donahue-Harrington referem a progressiva incompreensão de Jesus por parte dos que lhe são mais chegados (a família e os discípulos - Mc 3,21-35).

<sup>56</sup> Não é aqui o lugar para discutir as ligações entre 1,35-39 e o resto da narrativa de Marcos.

contra o próprio Jesus. Volvido apenas um dia, o grupo de pescadores comparece perante o leitor e perante Jesus na sua nova condição de «pescadores de homens», em rota de colisão com o Mestre. Simão sobressai entre todos como *timoneiro* da comitiva que vai *no encalço de Jesus* para Lhe lançar uma espécie de isca ou rede com que possam arrastá-l'O de volta para Cafarnaúm. Essa isca ou rede é uma *palavra* proferida em coro, cujo poder de sedução coincide com o apelo ao interesse da multidão: «Todos te procuram».

Note-se, a propósito, o modo informal com que o grupo se dirige a Jesus. Tratam-n'O sem qualquer sinal de reverência. Para o leitor, seria de esperar que utilizassem um qualquer título de respeito para com Aquele que, desde o início do evangelho, sabemos ser *o Filho de Deus muito amado* (cf. 1,1.11). Trata-se de um conhecimento que os próprios espíritos impuros possuem (cf. 1,24). Mesmo uma personagem secundária como a sogra de Simão, ainda mal refeita da febre que a atormentara, deu mostras de uma intuição cristológica superior à de Simão e dos seus companheiros, quando se fez *serva* de todos eles e de Jesus (1,31). Por todas estas razões, e sem esquecermos todas as manifestações do poder de Jesus (em palavras e em actos) de que os discípulos foram testemunhas, causa grande surpresa a irreverência com que os mesmos discípulos O tratam (σέ, 'tu'), na primeira vez que se dirigem a Jesus. Para eles, pescadores de homens», Jesus não passa de um homem, o primeiro a quem diligentemente procuram *apanhar*.

Como não adivinhar, por detrás destes cruzamentos na rede textual, a mão do evangelista? Como já foi sugerido, neste passo, Marcos procura urdir os primeiros fios do tema da *incompreensão de Jesus pelos discípulos*. Cremos, porém, que é a pensar no seu leitor que o evangelista concebe a rede de intertextualidades, através das quais transmite ao seu leitor sinais de que a primeira manifestação de incompreensão da pessoa de Jesus foi gravíssima. Os discípulos correram atrás de Jesus para fazerem d'Ele uma espécie delíder carismático para o povo<sup>57</sup>. Relutantes em abandonarem a cidade-natal para seguirem Jesus com toda a radicalidade (cf. 10, 29-30), os primeiros discípulos protagonizam a incompreensão

---

<sup>57</sup> Cf. PESCH, *Marco*, 236. Do seu ponto de vista histórico-crítico, M. HENGEL, *The Zealots*, 251, vê aqui uma tentativa de os discípulos transformarem Jesus em seu chefe, à maneira zelota. Hengel refere Mc 1,35-39 como prova da sua tese, segundo a qual «foi em obediência incondicional à vontade de Deus até à morte» (n. 111) que Jesus «se retirou para o deserto [...] em várias ocasiões do Seu ministério. Um

total daquilo que Jesus personifica na História. O ponto de vista deles em relação a Jesus – aparentemente *universalista* e representativo do bem-comum, na medida em que falam em nome de «todos» (πάντες) – é meramente *humano* e determinado pela curteza de vistas dos interesses *temporais* (nacionalistas?)<sup>58</sup>. Porque falam em nome de *todos*, o ponto de vista dos discípulos *simboliza*, ironicamente, o ponto de vista da *multidão* em relação a Jesus. Vejamo-lo sucintamente.

No contexto narrativo de 1,35-39, as indicações sobre a compreensão de Jesus por parte da multidão coincidem com a reacção dos Cafarnaítas à *vinda* de Jesus. Começou por ser um misto de «estupefacção» (1,22), «assombro» (1,27) e alvoroçada incompreensão (1,28), que culminou na iniciativa espontânea de apregoar a «fama» de Jesus por toda a Galileia, criando as maiores expectativas sobre o Seu poder taumatúrgico (cf. 1,32-33). Os sinais de uma resposta ideal – a conversão ao Evangelho e a fé em Jesus (cf. 1,15) – não se verificam entre a multidão. Quando, pois, o grupo de Simão comunica a Jesus que *todos* O *procuram*, só pode ter em mente esta compreensão *humana* da identidade de Jesus, uma compreensão que ignora o sentido *histórico-salvífico* da Sua missão divina<sup>59</sup>.

Se, pois, os discípulos de Jesus, além de se caracterizarem pela capacidade de *encontrar* Jesus e *Lhe comunicar* os interesses da multidão, guardavam também alguma secreta aspiração (de natureza política, p.e.<sup>60</sup>) em relação a Jesus, isso, na óptica bíblico-teológica de Marcos, constitui motivo para um juízo negativo em extremo, porquanto atenta contra a messianidade histórico-salvífica de Jesus<sup>61</sup>. Compreende-se assim que, ao utilizar o termo «perseguição» para qualificar o seguimento de Simão (em sentido *militar*, realcemo-lo uma vez mais), Marcos pretenda evocar, com laivos de

---

elemento claramente presente neste passo é a necessidade de estar incondicionalmente preparado para renunciar a todas as posses e a toda a segurança». Veja-se também M. HENGEL, *Sequela e carisma: studio esegetico e di storia delle religioni su Mt 8,21 s. e la chiamata di Gesù alla sequela*, Brescia: Paideia, 1990, 105.

<sup>58</sup> Nesta linha, D. J. HARRINGTON, *Mark, NJBC*, 601; ROBBINS, *Jesus the Teacher*, 108.

<sup>59</sup> Este obscuro versículo pode ser estudado no âmbito do tema «*onde está Jesus?*». Cf. MARGUERAT, *La construction du lecteur*, 247-248.

<sup>60</sup> As referências a Marcos em HENGEL, *The Zealots*, apontam nesse sentido.

<sup>61</sup> Cf. VIGNOLO, *Cercare Gesù*, 101. Também LENTZEN-DEIS, *Marcos*, 65, assinala o risco de manipulação popular que para Jesus representa o facto de os cafarnaítas e os discípulos «desejarem que Jesus fique com eles, provavelmente à sua inteira disposição».

ironia evidentes, as palavras de Jesus no chamamento dos seus discípulos (1,17) e, simultaneamente, o episódio de 1 Sam 23, 24b-26, no qual David é *perseguido* por Saúl. Ambos os perseguidores mantêm relações de grande proximidade com os perseguidos. Divina-mente ungidos para salvarem o povo, estes agentes de Deus *perseguidos* sofrem a perseguição no início do exercício da missão.

Como nota final, refira-se que o facto de Marcos recorrer a 1 Sam 23 não significa que o evangelista concebe a missão de Jesus segundo as expectativas próprias das tradições *davídicas*. Pelo contrário, 1 Sam 23 constitui aqui o ponto de partida para a afirmação implícita de uma *superioridade* messiânica de Jesus Cristo Filho de Deus (1,1.11) face ao messianismo *humano* (político-militar) de David. Ao afirmar a sua independência das multidões e do favor público, o Jesus de Marcos, orante no deserto (1,35), prova à saciedade a sua sintonia absoluta com a vontade de Deus.

### ***A resposta do leitor***

No cair do pano, cabe perguntar se, ao fim de contas, o leitor implícito de Marcos não será, ele também, *cúmplice* da atitude dos discípulos para com Jesus e, simultaneamente, vítima da «rede» que Lhe foi lançada por estes «pescadores de homens».

No preciso momento em que, conduzido pelo narrador, o leitor observava, a uma certa distância, Jesus recolhido em oração, irrompe em cena Simão e a sua comitiva. O leitor fica abandonado à sua sorte, por momentos. Ficar a uma respeitosa distância de Jesus, com o evangelista, ou alinhar-se *com* Simão e interromper a oração de Jesus – tal é o grande dilema para o leitor.

Ao leitor não faltam, no texto, pistas para discernir qual a sua situação, quer em relação a Jesus, quer em relação às outras personagens. Estará do lado de *todos* os que *procuram* Jesus, comungando das expectativas populares sobre Jesus? Ter-se-á colocado do lado dos *discípulos*, acreditando no bom êxito da função de intercessão – até porque, no dia anterior, as instâncias dos discípulos em favor da sogra de Simão haviam merecido resposta favorável de Jesus (1,30-31)? Se os quatro provaram ser intercessores válidos em favor de uma só pessoa, porque não haveriam de o ser em favor de «muitos»?<sup>62</sup>. Mercê, pois, da sua posição privilegiada, ao leitor não

---

<sup>62</sup> VIGNOLO, Cercare Gesù, 85.

faltam boas razões para, antes de Jesus Se pronunciar, crer que Ele irá condescender em regressar a Cafarnaúm.

Se tal é, efectivamente, o registo interior do leitor – registo de quem comunga as expectativas e as razões de quantos querem forçar o *caminho* de Jesus ao sabor das maiorias –, então o leitor também integra, ironicamente, o «todos» quantos «procuram» Jesus<sup>63</sup>.

É o próprio Jesus quem fornece o critério decisivo para determinar de que lado está o leitor. O desenlace da história é certamente *surpreendente*, tanto para as personagens como para o leitor. O evangelista reserva para Jesus os méritos dessa *surpresa*, quando O deixa proferir, de viva voz, a sua determinação em deixar Cafarnaúm, bem como o Seu desejo de renovar, com autoridade superior, o convite aos discípulos a partirem com Ele para outras paragens. Pormenor fundamental em tudo isto: foi a oração que inspirou a Jesus uma decisão sobre o novo rumo da missão<sup>64</sup>.

Esta resolução surpreendente – porque irónica – do *suspense* narrativo obriga o leitor a reconhecer que *Jesus também lhe escapou*, não obstante o seu ponto de vista privilegiado desde o início da narrativa. Na sua intervenção em Mc 1,38, Jesus, além de recusar sucumbir à expectativa comum de quem O procura, *transforma* essa expectativa – superando-a – quando, a todos os que O ouvem, convida a ultrapassarem o limiar do mundo familiar e a porem-se *a caminho com Ele*. Sem rejeitar liminarmente o regresso a Cafarnaúm – terá oportunidade de o fazer dentro em pouco (2,1) –, Jesus aproveita a oportunidade de uma iniciativa falhada de seguimento para alargar o Seu campo de acção. Mercê da inspiração sobrenatural de Jesus (cf. Mc 1,35), os discípulos e o leitor são desafiados a acolher e escolher o seguimento de Jesus, na *itinerância*, como *testemunhas* da Sua presença.

Ironicamente, ao incluir os discípulos no Seu plano missionário, Jesus desencadeia um reajustamento dos papéis na hierarquia da relação entre os discípulos e o Mestre. A eles toca segui-l’O, num caminho que é determinado, geográfica e axiologicamente, não pelas expectativas humanas, mas pelo evangelho de Deus e pela vontade do Pai (cf. 1,11.14)<sup>65</sup>. Mercê da decisão que Jesus aqui

<sup>63</sup> VIGNOLO, *Cercare Gesù*, 85.

<sup>64</sup> Cf. IERSEL, *Mark*, 141; PESCH, *Marco*, 236.

<sup>65</sup> *Cercare Gesù*, 86-87. Vignolo mostra que esta inversão de papéis é paralela a Mc 8,33.

toma de se fazer acompanhar pelos discípulos e partir «para outra parte», um aspecto importante do discipulado se torna patente: a relativização do apoio popular e da segurança do mundo familiar, a itinerância constante, a disponibilidade para um destino imprevisível, inseguro, que inclui o risco e a confiança (cf. Mc 10, 28-30)<sup>66</sup>.

Para o leitor, as palavras de Jesus apelam à disponibilidade para que, doravante, a compreensão da Sua pessoa e missão seja continuamente moldada pela iniciativa do único Mestre e Senhor. Mais do que ausentar-Se ou fugir, Jesus sai, por vezes, da vista de *todos*. O leitor (e particularmente ele ou ela) é convidado a concluir que o aparente abandono das multidões necessitadas não passou de um expediente estilístico – a ironia do evangelista. É a percepção desta ironia de Marcos que pode impelir o leitor, depurado de expectativas ou condições para com Jesus, a prosseguir na senda traçada por Ele, a dar-se conta de quão interesseira e *etnocêntrica* era a posição inicial (pretensamente universalista) com que partiu para o encontro com o Senhor.

ISAÍAS HIPÓLITO \*

---

\* Foi bolseiro da *FCT* na Universidade Gregoriana (Roma). Prepara as provas de doutoramento em Teologia Bíblica naquela Universidade Pontifícia.